

O HOMEM DO CAMISÃO

Ao município de Ipirá e à lenda do Homem do Camisão.

Cláudio Novaes*

Aparecia sempre pontualmente e sereno todos os dias. Cumpria sua vida sem exceção. Sua pontualidade já era a marca da sua existência e apontava um mistério. Os seus mistérios eram amplificados no silêncio barulhento dos cochichos da população, esta dividida entre o medo e a curiosidade despertada pelo Homem do Camisão.

Despertara fascínio e revoltas da população humilde daquele lugar. Se pudermos chamar de população aquelas poucas almas agregadas ou aparecidas quase do nada, que começaram a ocupar aquele vale entre A serra do Espinhaço e o Monte Alto, antes povoado por índios, os quais legaram suas fantasias nos nomes dos acidentes geográficos da passagem, como aquele rio temporário - Rio do Peixe, que só desfila as águas em épocas de chuva, todo o resto do ano parece um espinhaço de peixe morto.

O Homem do Camisão aparecia sempre pontual e vestido no sobretudo escuro, mas de cor indefinível, que a cada olhar parecia mudar de coloração, como se esta vestimenta fosse extensão da pele. A roupa era sempre a mesma, não desbotava e nem amarrotava. Ele parecia estar sempre esperando uma entrevista especial com imperadores e rainhas. E isso espantava os demais viventes...

- Impossível! Para que sempre alinhado nessas paragens tão distantes da capitá? Indagavam os curiosos.

Sua fama crescia proporcionalmente ao lugar. As novas casas construídas em torno da fazenda eram frutos que brotavam da sua fama. As terras tomadas aos índios e as doações do império ainda não eram grandes atrativos, mas os novos habitantes ouviram falar do Homem do Camisão e foram arrastadas pela curiosidade para aquelas bandas.

* Prof. Dr. da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

- Não tenho mesmo destino! Vou acampar por aqui nessa baixada. Diziam alguns passantes, tropeiros, mascates. E o que era pouso rápido, tornava-se, muitas vezes, estadia definitiva. E para isso contribuiu muito o mistério do Homem do Camisão. Aquele homem distante do presente, trajando permanentemente a postiça pele escura.

Se fosse já a época do cinema clássico, ele teria seus modelos nos filmes *noir* ou nos misteriosos personagens de Hitchcock; ou quem sabe não era nosso *Homem da Capa Preta* no começo das suas desventuras. Estes parâmetros de imagens têm hoje suas projeções sombrias sobre o passado, mas as interpretações do povo, por mais distantes, eram elas que singularizavam o apelo do mistério romântico e febril, seja ele atribuído ao divino ou ao diabólico. Lumière ainda não havia plantado a força da imagem movimento no coração dos homens com o glamour da arte cinematográfica, mas muitos Quixotes já escapavam das páginas de Cervantes, para recompor-se em novos imaginários e participações especiais nos filmes e romances de toda a humanidade.

Esse Homem do Camisão lançava sua atração para fora do tempo, pelo menos fora do tempo dos habitantes daquele lugar. Não eram pouco impressionantes as expressões de espanto, buscando explicações no sobrenatural, quando ele desfilava pontualmente aquele corpo esguio e impassível.

Todo dia na mesma hora ele aparecia entre olhares e comentários, como se surgisse de qualquer lugar; de lugar algum... Mais uma página de romance aberta e o personagem vivendo livremente seu papel; autor desconhecido e anônimo e a história seguindo além das palavras, silenciosamente... O silêncio dele só reforçava a curiosidade de todos. Ficavam torcendo para ouvir uma réstia de luz em forma de voz do Homem do Camisão, porque qualquer palavra daquela figura iluminaria o lugar com um clarão; todos pensavam assim! Mas o que aconteceria se ele revelasse ser um homem comum, descendo do mistério construído em torno do seu traje e pelo silêncio nebuloso?

Melhor não falar, porque as palavras podem revelar falhas e

ruídos. Nem o som dos seus pés tocando o chão seco do sertão, nem as folhas mortas pelo sol incessante se permitiam debulhar qualquer música que não fosse de mistério, quebrando gravetos ou esmagando folhas secas. Parecia não haver nem respiração, seu sopro ia e vinha com o movimento da brisa e seu vital aconchego na noite morna do sertão. Parecia uma vida fora da vida e rodeada por um vácuo, que o acompanhava a cada passo nas caminhadas sob o crepúsculo.

O Homem do Camisão não fazia nenhum mal imediato, somente o sofrimento da curiosidade naqueles pobres devotos do destino, dos mitos e das assombrações. Ele inundava o espaço de cortesia e fineza, porque não incomodava a ninguém, mesmo que alguns mais afoitos já o tivesse escolhido para adoração, aproximando-se tanto dele, que, às vezes, esbarravam em seu corpo que quase tombava mediante os obstáculos. Sua atitude cortês permanecia, apesar do recolhimento imediato, assim que via o atropelo de gente curiosa. Essa imagem o fazia respeitado; e ninguém, mesmo aqueles mais valentes forasteiros, que já haviam apeado muitas vidas nas vendas e becos do pequeno arraial, tinham coragem de se indispor com ele. Não conseguiam ignorá-lo e até criavam um clima de rejeição, mas sufocado à distância, pois a força do mistério que o rodeava não estimulava os mais corajosos a desafiá-lo; a não ser em momentos de bebedeira, quando gritavam impropérios, mas sempre bem longe do Homem do Camisão. Quando ele se aproximava, todos se comportavam como cabritos enfeitados diante da altivez.

Aquele camisão era sua marca. O que traria por baixo dele? Era um punhado de incógnitas. A vestimenta de um rei, que se completava na elegante bengala, substituindo um cetro imperial. Era dono de boa parte daquelas terras por heranças e conquistas. Ninguém o vira por ali antes. Todos diziam que vivia sozinho no casarão recuado no sopé da serra do Monte Alto. Fora, por certo, o primeiro habitante branco daquela região, a desbravar sistematicamente a natureza pastoril e agrária. Pois, os homens que estavam ali antes dele, eram nômades ou coletores do imprevisível.

Depois os tropeiros, que continuaram lhe fornecendo o trabalho, carregando malas e caixotes para a fazenda, transportando coisas que os próprios carregadores não sabiam ao que se destinavam. Por certo, móveis, objetos de luxo, roupas vindas de longe e outras coisas, que o Homem do Camisã demonstrava apreço, mais cuidadoso do que com as pessoas. Ninguém imaginava o que continha naqueles caixotes tão bem protegidos. Ele só os abria quando todos já houvessem dispersado.

Depois da chegada do Homem do Camisã acendera-se essa novidade na localidade tão isolada. Substituindo os hábitos corriqueiros por aquelas idiossincrasias, que mobilizaram o povo em torno dele. Depois de cada passeio pontual e invariável vestido em seu Camisã, tudo passara a ser diferente. O silêncio o acompanhava pelo campo, quando ele observava o céu detidamente, admirando os pássaros mais comuns. E quando estava distante – geralmente na direção do Rio do peixe! – parecia fazer uma conferência para alguma platéia invisível, gesticulando pausadamente, como se dialogasse com o invisível. Sempre gesticulava a cabeça para cima e para baixo, com as mãos e dedos apontando, espalmado ou fechando no ar, como afirmando uma certeza. Alguns moradores mais afoitos o acompanhavam ocultos os seus quilômetros de caminhada e voltavam cada vez mais assustados com aqueles movimentos distribuídos sem palavras. E a população crescia cada vez mais no embalo desse mistério.

Moradores mais antigos diziam que no início se assustavam com “aquele fantasma”, que parecia viver no “mundo da lua”, acenando para as árvores e os bichos. Mas agora, eles continuavam morando ali e já se acostumaram com “essas novidade da gente do litorá”.

Passaram-se muitos anos... Os moradores já se divertiam com aquelas “malucagens” do Homem do Camisã. Mas o segredo e o mistério dele não desvanecera, atraía sempre a atenção dos novos. A notícia ganhara do sertão ao litoral, todos já falavam sobre o Homem do Camisã. Os habitantes de lugares distantes se deslocavam em verdadeiras romarias só para visitar aquele lugar,

pois já corria a estória de que ele poderia ser um “santo”, ou um sábio enviado da cidade para guiar os destinos dos pecadores.

-Ele inté conversa sem palavra! Diziam os crentes mais obstinados, vindos de muito longe na esperança de encontrar o Homem do Camisão.

Nesse fluxo, novos moradores chegavam a vila crescia. Tudo que acontecia era atribuído à onipresença do Homem do Camisão. Alguns esperavam sua bondade na concessão de um ‘taco terra’ e acampavam em torno da sua fazenda. Aquele era o lugar escolhido, chegavam com a proteção do céu.

A aglomeração, pouco tempo, fez desaparecer os últimos índios, assimilando-os na família ou na bala; os pássaros começavam a rarear; o Rio do Peixe perdia seu leito de cristal. A confusão de gente quebrava a antiga tranqüilidade do lugar: recém nascidos fuzilavam o silêncio; brigas traziam incertezas, fumaça das queimadas acinzentavam o céu e a tapera virara campo de extermínio de animais: porcos gritando, galinhas chocando, bois mugindo entre meninos e trapaças dos novos cidadãos.

Mas o Homem do Camisão ainda aparecia pontualmente, como sempre! Driblava a avalanche de curiosos, ouvia silenciosamente muitas reclamações de homens e mulheres, era atacado por cachorros vadios, mas ele parecia eterno e avesso à nova ordem, mantendo suas caminhadas metido no Camisão.

Um dia, ele andava normalmente na mesma direção do Rio do Peixe, como sempre fizera sem falhar um só dia e desapareceu.

Agora, depois de muito tempo, não se sabe de onde ele veio

